

# Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne  
 Redactor, Thomaz Rocha dos Santos  
 Administrador, Antonio Dantas  
 Redacção: Rua 31 de Janeiro  
 Administração: Rua de Payo Galvão, 70

SEMANARIO MONARCHICO

Propriedade da Empreza  
 DOS  
 Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão  
 Typographia Minerva Vimaranesense  
 68, Rua de Payo Galvão, 72  
 GUIMARÃES



## MISSA

A Commissão de Assistencia aos Monarchicos Pobres, d'esta cidade, manda celebrar, hoje, na Igreja de São Domingos, ás 11 e meia horas, uma missa suffragando as almas de Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Carlos 1.º e de Seu Augusto Filho, commemorando assim a tragedia de 1908.

## GLORIA AOS MARTYRES

A revolução de 5 de maio de 1789, que afogou Paris e a França num mar de sangue, destituiu os reis da função de governar, e transferiu a sua autoridade para o povo.

A corrente das novas ideias transmittiu-se rapidamente ás outras nações, sequiosas tambem da liberdade que os encyclopedistas preconisavam como o mais sagrado direito das gentes, como a maior ventura das nações.

Se, como a França, nem todas derrubaram os thronos seculares dos seus monarchas, é porque elles transigiram com as imposições dos demagogos.

D'essa transacção entre povos e reis resultou a phantasmagoria das monarchias constitucionaes, em que os monarchas, meros symbolos, se limitam a chancelar os diplomas dimanados da soberania popular.

A formula — O rei reina, mas não governa — synthetisa todo o systema politico da monarchia representativa. E, d'ahi, como onde não ha acção não pode haver responsabilidade, claro é que o monarcha não pode responder pelos actos dos ministros.

Nestas condições, mandavam a logica e a justiça que, quando o povo se não conformasse com os actos dos ministros, a elles pedisse contas e não ao rei.

Não foram porém d'essa opinião os demagogos portuguezes para quem a corôa, mesmo separada do septro, era ainda um

pezadello, e o throno um obstaculo na carreira do seu progresso.

Mister era apear a corôa, refulgente de mais para quem usava trabalhar nas trevas, e derrubar o throno, coisa archaica, incommoda, desniveladora.

E como corôa e throno representavam para a maioria da nação a tradição, tão cara aos seus sentimentos conservadores, attribuiram por um instante ao Rei o poder que lhe tinham tirado, para o tornarem responsavel pelas accções alheias.

D'ahi a ignobil tragedia de 1 de Fevereiro que mancha para sempre a nossa brilhante e clara historia.

D'ahi a repetição do erro politico de 1793 em França, em que a demagogia, fazendo acreditar e talvez julgando justificar criminosos, nada mais fez do que condemnar-se a si propria e exaltar e glorificar os Martyres Augustos da sua insoffrida e baixa ambição.

Os «Echos de Guimarães», commemorando a data infausta de 1 de Fevereiro, curvam-se reverentes ante os athaudes dos egregios Personagens que a loucura criminosa da demagogia victimou, e que a cobardia de nós todos não soube defender, e beijam o sangue generoso dos Martyres, que redimirá a Patria Portugueza dos seus erros e dos seus crimes.

E porque a nossa penna é rude e tosca arma de combate e nada mais, abatemol-a respeitosa e a mais gentis espiritos, a mais doces corações commetemos o encargo de espargir sobre as regias tumbas as flores

da sua e da nossa saudade, e do nosso desolador pezar.

A essas almas d'elite que hoje illustram as columnas d'este modesto semanario com os primores do seu espirito, os nossos mais rendidos agradecimentos pela honra insigne que nos fazem.

Meu caro Thomaz

Mais uma vez me pede duas linhas para a commemoração do dia 1 de fevereiro.

E' de tal natureza a magua que sinto ainda, quando recordo essa tragedia, que lhe não peço exigir de mim que collabore no seu jornal, quando só lhe posso dar lagrimas e orações!

Saudando a Familia Exilada, curvo-me saudosa ante os ferretros dos dois Martyres, dizendo-lhe, meu caro Thomaz, que nós, as mulheres, agimos pelo coração, é elle que nos domina, e se as nossas lagrimas são o orvalho do nosso espirito, acredite, então, que são a unica coisa que posso ainda livremente depôr sobre o athaude dos Sublimes Desgraçados.

Carecendo de competencia para escrever para o publico, grande embaraço é o meu ao desempenhar-me da missão que Você me incumbiu, fazendo-me hesitar em satisfazer a sua vontade.

E, como fallar devidamente d'Esses Martyrizados, sem Os amesquinhar-mos na nossa apreciação, sentindo-nos tão pobres para Lhe prestarmos a homenagem devida?

Em face d'isto, que mais dizer-lhe?

Que á memoria de Dom Carlos e de Seu Filho é bem devido o preto de saudade e homenagem dos *Echos de Guimarães*.

As homenagens de respeitosa saudade que a cidade, o velho berço da nossa Patria querida, pelo seu jornal presta, junto as minhas, que por serem modestas, não são menos sinceras.

1 de fevereiro de 917.

M. M. Lós-Rios.

## OS REAES MARTYRES

Por entre nuvens d'opala rompia a luz rosea da manhã, que vinha illuminar a pomposa cidade de David, que em luzida festa esperava o seu Rei.

Ricos tapetes de Tyro, que breve iam ser juncados de rosas, de jasmims e de lyrios do valle, formavam a estrada por onde ia passar o esplendoroso cortejo por entre arcos triumphaes, aclamando em delirantes gritos d'enthusiasmo, Aquelle que amanhã iam matar!

Os psalterios do Rei Propheeta casavam-se aos sons maviosos das harpas, e exclamações d'alegria echoavam pelas montanhas da Judéa, espalhando-se pela terra, estremeçada de jubilo. O ambiente era perfumado pelas rosas, pelas flores e pelos ramos dos cedros do Libano, que tapetavam o caminho, aonde ia passar em triumpho Aquelle que amanhã, coroadado d'espinhos, levaria ao Golgotha uma Cruz!...

E o formoso e puro ceu da Palestina era o docel azul e brilhante do aureo throno onde ia ser acclamado o Rei dos reis.

Hosanna, bemdito O que vem em nome do Senhor! — grito d'estridente enthusiasmo de quem por uns instantes abrija á luz do reconhecimento olhos, bem cedo escurentados pelas trevas da ingratição mais negra!...

Ingratição que fez tremer a terra de pavor, e infeccionou com o tábido sangue do povo deicida as almas perfidas que povoam o mundo. E ai!... na formosa Lusitania infiltrou-se tambem a peçonha das víboras.

Hoje que o desalento nos abate pela data mais luctuosa da historia portugueza, levantemos os olhos para o cimo do calvario para que as chagas do Martyr Deus acalmem as nossas penas.

E vamos buscar allivio para tão pungente saudade, vibrando na mais sentida dôr. Saudade da luz benefica da liberdade que se transformou em tyrannia.

Relembrar o passado é ouvir cantar a epopeia de Portugal ao grande epico, emulo do cantor da formosa Illiade.

Essa joia engastada em eternos laureis era o throno de Portugal que as nações cubicaram e de perto quizeram ver.

Reinava neste formoso paiz um Rei bom, sabio e artista, cuja fama corréra mundo e soubera atrahir as homenagens das testas coroadas dos mais soberbos imperios; e esse Rei, em cujas veias girava sangue do Santo Condestavel e d'Elle herdara o genio heroico e destemido, foi barbara

e covardemente assassinado por um bando de feras humanas.

Caiu o tronco magestoso na terra dos seus maiores, que palmo a palmo o tinham conquistado e feito grande.

Um brado d'angustia e d'ingnação resoou em todo o mundo civilizado!

Ao lado do Rei Martyr cahia inerte vingando a morte do seu Augusto Pai o juvenil Príncipe, formoso, como os Archanjos de Raphaél, e admirado na corte do leal amigo do seu querido reino.

Descobriam-se desde tenra idade no coração d'este bello Príncipe um thesoiro de preciosas qualidades, que mais tarde se revelou num momento tetrico, horrivel, deixando gravado o seu bello nome na historia, com o sangue heroico do seu martyrio.

A pleiade dos grandes Infantes não o tinha mais valeroso que o inclito Príncipe, que reinou para morrer Martyr.

Ajoelhemos deante do Athau-de das Reaes Victimas, pedindo-lhes perdão para este paiz ingrato.

Enviemos um brado de respeitosa e sentida homenagem á nossa querida Familia Real acompanhando, lá nessas brumas longinquoas, a Sua dôr e a Sua saudade.

Ajoelhemos tambem perante a magestosa figura da Rainha Mai—coração de santa e de martyr—cujo braço gentil defendeu a preciosa vida d'Aquella que é a nossa esperança.

1—2—917.

MARIA SALOMÉ.

## Um de Fevereiro

Se fosse possível chamar á barra de um tribunal todos os responsaveis pela tragedia de 1 de Fevereiro de 1908, teriam de comparecer todos os que nesse anno, pelo menos, estavam actuando na politica portugueza. Ministros e parlamentares, palacianos e jornalistas, tribunos e agitadores,—tudo, em summa, quanto de qualquer maneira influia na opinião publica politica portugueza, é responsavel pela morte dos dois Reis.

Quem menos responsabilidades tem, são os dois assassinos, creaturas sem cultura e sem justificados ideaes, mãos inconscientes que mechanicamente desfecharam as armas que os outros, desde os palacianos aos ministros, desde os agitadores aos parlamentares, desde os jornalistas aos tribunos, lhes forneceram. Os nove annos que vivemos—se a isto se chama vida—desde 1 de Fevereiro de 1908 a 1 de Fevereiro de 1917, dão maior vulto ao crime praticado, não só porque purificam o perfil de D. Carlos e santificam o perfil do Filho, mas tambem porque põem a nú a ignobil baixaza dos que fomentara directamente o crime e, depois, o exalçaram, dando-lhe o significado do acto inspirado por immaculados intuitos.

Da critica historica feita desapaixonadamente, e da critica comparada feita com justiça, a figura de D. Carlos sai engrandecida, e cada vez mais imponente na sua magestade.

Dos crimes de que foi accusado, a justiça republicana não conseguiu provar um só. Nem um! A sua politica, a politica que quiz fazer no fim do seu reinado, está hoje averiguado que teria sido benefica e era intelligente. Os reis, em geral, são sempre culpados dos erros dos outros; e são sempre os outros os auctores das suas boas acções. A mim como á minha geração, ensinaram-me a querer mal a D. Carlos. Hoje, vejo que esses ensinamentos foram simplesmente infamias. Não ha como o tempo e

a lição da Experiencia para pôr as coisas nos seus lugares, e os homens, reis ou vassallos, na sua justa situação.

ALFREDO PIMENTA.

## O ANATHEMA DA HISTORIA

1—II—1908

O aleivoso assassinio do grande Rei que foi D. Carlos I e de seu filho, o Príncipe Real D. Luiz Philippe, não é sómente um dos maiores crimes da Historia: é tambem uma das nossas vergonhas mais pungentes.

Portugal, que até 1 de fevereiro de 1908 gozava de uma situação internacional devéras notavel, podendo considerar-se de excepcional relevo, mercê do talento, do prestigio e do trabalho persistente do Monarcha ferido de morte n'essa tarde sinistra, desconceituou-se perante o mundo inteiro, que outr'ora assombrára com os seus feitos de epico brilho. Quer o leitor ver?

No anno que se seguiu ao do regicidio—sangra-me o coração ao recordar este lance!—um inglez cultissimo, de cabellos alvos como a neve e longas barbas de apóstolo, com quem travei relações e muito convivi n'um sanatorio da Floresta Negra, onde ambos nos achavamos internados, em tratamento de velhos padecimentos, repetidas vezes me falava do negro crime do Terreiro do Paço. Queria saber todos os pormenores do attentado, conhecer as minudencias de tudo que se relacionasse com a morte dada á traição ao Rei e ao Príncipe de Portugal. Contei-lhe o que sabia e repeti-lhe o que era publico a dentro das nossas fronteiras. Ouvia-me sempre attento, interessado, commovido. Percebia-se que o delicto horrendo lhe cavára na alma um fundo sulco de magua.

Um dia, depois de escutar, impressionado, uma nova particularidade do terrivel acontecimento, fitou-me longamente, e, a custo, com receio de me melindrar, exprimiu-se assim:

—Perdoe-me dizer-lh'o, mas depois do regicidio o seu paiz ficou sendo considerado pelas outras nações abaixo da Servia!...

E o olhar turvou-se-lhe n'um rapido fulgor de colera intensa.

Balucei, como bom português, não sei que palavras doloridas. De maior dôr, porem, era o sentimento que me confrangia o coração e torturava o espirito, ao ter conhecimento do triste conceito que o mundo culto formava da minha patria infeliz. Não me recordo já se tive vontade de chorar. Creio que sim. Mas lembrome bem da indignação que mais uma vez me tomou contra os que dolosamente, com a infamia de uma propaganda mentirosa, armaram os braços dos regicidas obcecados pela paixão politica.

O anathema da Historia ha de talvez ferir mais duramente aquelles do que estes!

Janeiro—1917

ANTONIO CABRAL.

## Lampejos de Saudade

SOME-SE no correr veloz de annos amargurados esta data triste, que manchou de sangue as paginas douradas da nossa historia fulgurante e nos aponta ao mundo civilizado como um povo onde maleficios tão monstruosos são glorificados como actos que dão lustro a uma raça.

Bandidos, que numa tarde linda do repontar de fevereiro, fo-

ram armados cavalleiros na ordem do crime, pelos que mais tarde viriam indecorosamente a fulgar figuras heroicas e impolutas de militares, como a de Couceiro, saíram da sombra, como autenticos malfeteiros, de carabina aperçada, embuçando a cara sem vislumbres de vergonha, para matar um Rei que foi grande, que era alguem, e roubar ao paiz um Monarcha intelligente, que dava brilho á sua dynastia e honra ao povo que representava; e na sua hedionda brutalidade deram tambem á morte um príncipe, que mal algum lhes fizera e que muito profundamente os desprezava!

Ainda hoje, ás pessoas de temperamento são, arripia o rememorar a data fatal do barbaro regicidio e desespera e enoja o saber-se que numa espelunca, que tem o pomposo nome de museu, que para ali se organisou, os retratos dos torpes assassinos são expostos como sagradas reliquias, de ultra estimavel valia. E todos os annos vão em romagem degradante ás campas dos facinorosos magnates do republicanism, louvar a *façanha* dos criminosos, lançando, da baba peçonhenta, esverdeada bilis, que bolsam sobre os que no derradeiro dormir, repousam docemente no pantheon de S. Vicente de Fora. Mas todos os annos tambem, neste dia aziago, os templos regorgitam de feis, que vão, compungidos, elevar orações ao Senhor, pela paz da alma dos mortos augustos.

E' bem possivel que ainda haja implicados na tragedia, que por ahí passeiem o remorso, se acaso lhes é dado sentir o: esses, se não forem justicados na terra, se-lo-ão no infalivel tribunal do Alem.

Eu rogo aos Principes illustres, que a morte tão prematuramente ceifou, com as carnes rasgadas pelas balas homicidas, que implorem do Rei dos reis que não persista em confiar nas mãos da casta que nos vexa, os destinos da Patria que amesquinham.

Republica alicersada num duplo crime, terá uma vida malaventurada, que prevejo efemera, e será na historia das nações condenada em negros traços—negros como a fome que semeia e a morte que tem prodigalizado...

ANTONIO CABRAL DE LOZADA.

## Em 1 de fevereiro

UM dos traços do Rei D. Carlos, barbaramente assassinado na tarde de 1 de fevereiro de 1908, d'esse Rei que tão calumniado foi e cuja figura o tempo vai cada vez fazendo realçar mais, era a sua valentia, a inteireza do seu character que não permitia deixar de estar no logar que lhe parecia necessario, ainda que o perigo lhe fosse apontado pela sua intelligencia clara.

Quanto mais nos distanciamos d'esse dia, que é uma das paginas mais negras que, na historia dos diferentes povos se tem escripto com balas traiçoeiramente despedidas, mais essa figura avulta, impondo-se com a aureola dos serviços que prestou ao seu paiz levando-o a uma invejavel situação internacional.

Muitas são as qualidades que, pelo seu relevo, se apresentam á consideração de quem despido de paixões, olhar esse vulto emoldurado em sacrificio, mas esta da sua coragem não é das menos interessantes, a accentuar no periodo que atravessamos.

Como em lago de aguas tranquilas que um vendaval inclemente revolvesse, trazendo ao de cima todo o lodo que no fundo repousava ignorado, a sociedade politica portugueza debate-se n'uma mistura a reclamar clarificação.

E esta só pode fazer-se com o culto pelo character como norma e com o cumprimento do que seja o dever indicado pela consciencia como obrigação.

Da tradição e das paginas da historia d'este paiz deve vir-nos o alento para nos animar na luta por melhores dias.

Pelo culto dos mortos tem o homem a consciencia dos estreitos laços que o legam ás gerações passadas de que elle é a continuação.

Tenhamos o culto dos nossos mortos e entre elles como figuras notaveis, por D. Carlos e pelo Príncipe Real.

ANTONIO TELLES.

## 1 de Fevereiro

REPETE-SE hoje mais um anniversario da tragedia que enlutou para sempre a Historia de Portugal, manchando-a com um crime sem precedentes pela fria barbaridade com que foi cometido. Ainda este longo periodo de tyrannia e opressão demagogica, que sob o nome de Republica succedeu á Monarchia Nacional, não foi sufficiente castigo para a impossibilidade com que o Paiz recebeu a horrorosa noticia do assassinato do Rei e do Príncipe Real. Como a politica entre nós tudo tem desvirtuado a ponto de justificar as mais hediondas confusões entre o Bem e o Mal, assim o sentimento publico se embotára para distinguir o crime. Peior ainda que o assassinato em si foi a cumplicidade que o silencio sobre elle representou. Hoje sente-se com a desgraça nacional que a morte d'um Rei só se expia com a humilhação de ter que curvar e baixar a cabeça, a razão, e a vontade á tyrannia dos ignaros, incapazes, ignorantes governando ao invés do interesse nacional. O Rei é o natural e mais alto Representante da Nação. Com a sua perda fica ella privada do seu natural e Primeiro Defensor. E' o que estamos experimentando, duramente, á nossa custa.

1 | 2 | 917

AYRES D'ORNELLAS.

## Duas Mães

ESGOTARA-SE a ultima esperança!

O Príncipe Real estava indubitavelmente morto, e, ao lado do Pae, assassinado tambem, o seu corpo jazia sobre a tarima improvisada, na posição de quem descansa, sorrindo, com aquelle sorriso que era ainda infantil na graça e já dotado com uma força mysteriosa de attrahir e captivar.

Cumpria dizer a terrivel verdade á Mãe. Triste missão! Porque, embora heroica, era Mãe!

Cumpria desilludir o Irmão. Penoso encargo! Porque, apesar de animoso, era fanaticamente dedicado ao primogenito.

Ambos tinham ficado n'uma expectativa ansiosa á porta d'aquella casa—a casa das ambulancias—no Arsenal de Marinha, para onde haviam sido levados os corpos.

Respondendo a uma interrogação angustiosa d'aquella mulher forte, agora com a alma esmagada, eu tive que lhe annunciar que alem de viuva, era orphã do Filho.

E, correspondendo ao olhar d'aquella creança, tive que revelar implorando:

«Vossa Magestade tenha resignação!»

Escapa á linguagem humana a possibilidade de traduzir em palavras a expressão das duas phisnomias, uma fustigada pela brutalidade da desgraça, a outra

fulminada e tomada de assombro ao sentir a significação do tratamento de Magestade.

Os que supõem que os Reis teem embotadas as fibras do coração, e são insensíveis aos assaltos da sorte cruel, deviam n'esse momento observar as feições reveladoras do tormento, da afflicção, do horror, da indignação, da infelicidade, da amargura, de todos os sentimentos dolorosos que se tinham apoderado dos animos da Rainha D. Amelia e do Infante D. Manuel, então já Rei de Portugal.

E se ainda os não convencesse esse espectáculo, conheceriam pouco depois toda a extensão da maior dôr humana, assistindo a outro embate de corações, ao choque indefinivel de duas almas doloridas.

A Rainha D. Maria Pia fôra chamada de Ajuda onde, havia tempos, se encofrára sonhadora e alhejada, dobando a sua desdita, e desafiando infortunios.

Flagellada por desgostos e retalhada no orgulho regio pelo assassinio do Irmão, o Rei Humberto, atravessava a existencia, dolente, n'um semi-delirio, começando já a envolvê-la uma lenda toda feita de grandeza e de magestade.

Vagamente informada, desceu do seu Paço rapidamente e entrou no Arsenal.

Ninguém se atrevia a aborla-a. Era a estatua do Destino sinistro caminhando com uma apparencia de espectro.

Aquella que fôra a altiva Rainha, aureolada gloriosamente com um fulvo diadema de cabelos ruivos, ia agora ligeiramente curvada com o peso dos maleficios do tempo, mas ainda denunciando no andar a sinuosa elegancia com que atravessára a mocidade radiante.

Ao seu encontro veio a Rainha D. Amelia.

Alta, soberana, em todo o esplendor de uma rara formosura, reveladora de raça, a sua belleza meridional, que tantas exclamações de admiração tinha arrancado nas multidões, era n'esse momento illuminada por um fulgor de funesta irradiação.

Acabava de escrever uma pagina immorredoura no livro da Historia, defendendo com um ramo de rosas o filho ferido...

A sua figura avançando tinha não sei que da Niobe tragica, com que a mythologia symbolisa o amor maternal, que a fatalidade dilacera.

E tão fortemente era caracterizado o seu sentir na mascara contorcida pela dôr, que a outra Rainha estacou junto d'ella, e como que adivinhando inquiriu offegante:

«Mataram o meu filho?!»

E esta respondia com a simplicidade da tragedia antiga:

«E o meu tambem!»

Nas familias de ambas havia heroes, e santos, e martyres, e guerreiros gloriosos, e valentes conductores de homens; as flores de Lys da casa de França e a Cruz das armas de Saboya, que cada uma tinha em seus escudos, attestavam nas reciprocas ascendencias animos robustos; e na historia das familias d'ambas havia casos de tragica memoria soffridos com valor; mas em presença d'este lance sem igual a neta de S. Luiz e a herdeira dos Saboyas, eram apenas duas pobres mulheres a quem tinham trucidado os filhos, duas leões feridas a quem arrancavam as crias!

Os povos, como certos organismos esgotados, são ás vezes atacados de amyosthenia.

O mal invade-lhes os centros nervosos, atrophiando os movimentos e fazendo a razão desvairar.

N'esse estado de apathia *amoral* assistem entorpecidos ás loucuras e aos crimes das facções, até que accordam redimidos.

Em 1649 uma dictadura feroz faz degolar no cadafalso de Whitehall Carlos I.

E da indignação, com que a Historia reprova o regicidio legal, sahio uma Inglaterra livre.

Em 1793 uma Assembleia em delirio, na França ebria de sangue, manda á guilhotina Luiz XVI — o santo — e Marie Antoinette — a martyr.

E a repulsão, com que a posteridade estigmatiza a sanha criminosa dos *convencionaes*, regenera a França.

Em 1908 uma cilada, urdida na sombra, por forças occultas, assassina em Portugal traiçoeiramente El Rei D. Carlos, e o Principe Real.

Esse attentado, que a Historia regista maguada, e que a Posteridade ha-de amaldiçoar, terá, alem da sentença condemnatoria já lavrada pela consciencia humana, a sua commemoração no anathema de todos os corações maternaes em successivas gerações.

E as lagrymas d'aquellas duas Mães, caldeadas com o sangue dos martyres, hão de fecundar beneficemente a terra que regaram!

CONDE DE SABUGOSA.

## Annos depois...

Nos anniversarios successivos da morte de El-Rei Dom Carlos e de S. Alteza Dom Luiz Filipe muito repetidamente se tem evocado a grandeza e o valor moral d'essas duas figuras, cujo assassinato marcou o primeiro passo definido d'uma decadencia, que lavra fundo. Teem sido chorados em muitos necrologios. Tem-se dito que o Filho nos alimentava a esperança de O vermos concluir uma obra de resurgimento a que Seu Pae, nos ultimos annos da sua vida, tinha devotado todos os cuidados e todas as canceiras, procurando, para si, a fama d'um grande rei e, para o povo, os fructos d'um bom governo. Era isto realmente o que El-Rei Dom Carlos ambicionava no final do seu reinado, quando quasi miraculosamente erguia o nome do nosso paiz no conceito mundial. Isto se tem affirmado com verdade de El-Rei depois da sua morte; mas ainda não se disse, que Elle se enganou quando acreditou o povo, que pedia simplesmente um bom governo e considerava os de então como a causa de toda a sua ruina.

El-Rei foi morto e com Elle seu Filho, que tinha commettido o unico crime de ser um Bragança. Pouco depois, com a acquiescencia ou, pelo menos, com a indifferença de todos os monarchicos proclamou-se a Republica; e são agora os factos, que se encarregam de demonstrar dois problemas postos em discussão: o da honestidade dos governos e o da solução da crise portugueza. Pelo primeiro responderam as syndicancias e as devassas ás repartições publicas e a conducta actual dos novos governantes na gestão dos negocios do paiz. Pelo segundo problema viu-se que o resurgimento patrio não dependia da acção d'um homem ou d'um novo regimen. Derramou-se o sangue d'um Rei e d'um Principe, mudaram-se as instituições e os males augmentaram, agravados ainda por uma apathia profunda e cobarde, dominadora de todos os espiritos e de todos os corações, incluindo até os d'aquelles que trazendo á cinta uma espada para desembainhar e lutar a entregaram pacatamente julgando salvar assim a Patria!

Só annos depois de commettido o barbaro crime se comprehendeu que o povo portuguez precisava apenas de ser educado.

Perdida a noção da sã moral e da conducta rigida imposta por um caracter inflexivel a governação tornava-se impossivel, menos pela pouca facilidade de reprimir os desmandos, do que pela difficuldade de terminar com a desconfiança dos governados. A nação estava dividida em mesquinhos agrupamentos, que se atacavam, e os actos da vida collectiva dependiam da felicidade ou infelicidade das intrigas quotidianas. A familia desorganizava-se, afastando-se da sua base religiosa, e, os novos, fugindo da lei de Deus, como fugiam das leis milites e, portanto, da ideia sacrosanta de Patria, preparavam a derrocada de hoje, o aviltamento e a vergonha.

Só annos depois do crime de 1 de Fevereiro os portuguezes começam a vêr claro; mas parece que o regio sangue derramado não foi ainda bastante para redimir Portugal. A mais alguém compete agora soffrer: E' ao povo, á gente d'outr'ora, que assistiu com prazer ou com indifferença á marcha da desorganização portugueza. Somos todos nós, que — annos volvidos — não nos devemos contentar com a facil e espaventosa tarefa de chorar de joelhos os regios mortos, mas devemos resgatar as nossas culpas á custa de maiores sacrificios e do nosso sangue, tentando, neste momento em que graves perigos ameaçam Portugal, collocar Portugal tão alto como o collocou a admiravel politica do Rei Morto.

J. N.

## A missa d'hoje

A Comissão de Assistencia aos Monarchicos pobres manda celebrar uma missa de suffragio por El-Rei D. Carlos e Principe D. Luiz Filipe.

E' uma data dolorosa para os monarchicos, ia a dizer para os portuguezes e seguramente o é para a historia nacional.

Naquella tarde de crime, consequencia talvez do regimen constitucional, começou tambem a perecer o paiz: em dura expiação vamos lentamente agonizando.

O Senhor D. Carlos encontrou já no começo do seu reinado o throno abalado por complicações internacionaes, financeiras e d'ordem publica. Todo o paiz voltou então os olhos para o Rei numa ancía de que o Rei governasse, como noutras eras mais felizes; mas o Rei, ligado pelas peias constitucionaes, via o poder exercido pelos partidos — os monarchicos eram, primeiro que tudo, partidarios.

No entanto na politica externa, em que com superior talento exerceu a sua acção directa, a cotação de Portugal subiu a inesperada altura e vimos Lisboa visitada pelos primeiros chefes d'Estado da Europa. Nas nossas colonias renovava-se tambem o antigo prestigio e a nossa moeda valorizava-se ao par.

Coroaria esta obra de engrandecimento a projectada viagem do Senhor D. Carlos ao Brazil, onde já tudo em alvoroço se preparava para o receber com singular carinho.

Mas o Rei voltava de Villa Viçosa visivelmente preocupado, pensando talvez nos seus elevados intuitos, nessa viagem de alliança politica, de vantagens commerciaes que o Brazil, deslumbrado e affectuoso, concederia, talvez nos avisos ameaçadores que — contraste cruel — recebera desprezando-os na sua coragem decidida.

E, chegado a Lisboa, era assassinado e o seu gentil herdeiro no mais selvagem regicidio de que ha memoria, naquella praça onde se ergue a magnifica estatua d'um seu antepassado que teve a seu lado um homem firme.

Depois... os cortejos infames ao alto de S. João, a quietude geral, um governo incrível — a suprema decadencia.

Esta missa pelo descanço eterno das duas grandes victimas é tambem uma prece que se eleva, como um commum lamento nosso pelos erros passados, implorando a Deus a protecção, que outr'ora, em tempos d'acrisolada fé, concedeu a este paiz, para que renasça em nós a esperança e energia que salvem a nossa Terra.

J. S.

## O que a Historia poderia dizer

O dia tragico de 1 de Fevereiro de 1908 trouxe á historia portugueza a sua pagina mais sangrenta, e impediu outras cujo brilhantismo egualaria as mais bellas do passado.

Se essa pagina desdiz das que nos tinham sido legadas, pela caracteristica traiçoeira e cruel, excepcional num povo bom e generoso, mesmo nas crises impulsivas de vingança e desafianta, esse ella mancha sinistramente o começo do seculo, o discordar extranhamente com a apathia e submissão habitual d'elle, prova que não interveio ou sancinou o unico regicidio d'uma monarchia de sete seculos.

Pelas origens não é um crime politico, porque o paiz repelliu-o horrorizado, para os criminosos de direito cummum, seus instigadores ou executantes.

Não tem a atenuante de exprimir a justiça d'um povo que reage, pois não nasceu da colera d'esse povo, mas das ambições baixas de conciliabulos secretos. O paiz afastou de si altivamente toda a convencia com esse crime, cuja responsabilidade a historia fará recahir justiceiramente em individuos, isentando a colectividade. Esse crime não podia germinar em almas portuguezas, filia-se em degenerescencias individuais d'um sectarismo sinistro, preparado, manobrado e incitado por ancias de poder, hypocritamente mascaradas. A terra portugueza algumas vezes se avermelhara com o sangue dos seus soldados ou dos seus inimigos, mas nunca o sangue sagrado dos seus Reis a maculara.

E o Povo que é bom, renegou dos que o vilipendiaram, porque á sua coragem e á sua generosidade nativas, repugnava a solidiedade com um acto de covardia e de traição; mas no seu fatalismo congenito, esperou humilde e apavorado que o castigo divino resgatasse o crime sinistro, e nada mais...

Nas suas consequencias esse crime foi politicamente o maior que se podia perpetrar contra o futuro de um povo.

El-Rei D. Carlos, cuja obra diplomatica tão alto já tinha erguido o nome do seu reino, em breve iria rematar o grandioso plano que concebera, com a viagem ao Brazil.

Imaginemos que essa viagem se tinha effectuado e deixemos a nossa imaginação figurar o que ella teria sido e as suas consequencias, e por mais ardente que essa imaginação possa ser, talvez fique muito aquem d'aquellas, quer no campo das relações commerciaes e consequente bem estar material, ou da nossa missão colonial na Africa, ou da organização economica interna, ou do relevo na politica internacional, ou da disciplina mental da nação. O que seria esse Portugal no grande conflicto que assola actualmente o mundo?

Com que deslumbramento a colonia portugueza do Brazil, tão patriota sempre, receberia o seu Rei?

Que excessos de galhardia atingiria o acolhimento do Povo

Brazileiro ao governante da nação materna!

Como toda a America vibraria de orgulho pela visita do Augusto Embaixador da Europa, primeiro chefe de estado que saudava as terras do Novo Mundo!

Se essa missão era grandiosa, o encarregado era digno d'ella.

Aquella cuja figura magestática e marcial tinha, em meio de tantos soberanos, despertado a attenção e captado os applausos, dos povos do norte, naturalmente reservados, que culto teria despertado em terras tropicaes de expansivas gentes latinas?

O habil diplomata, que em côrtes cautelosas da Europa, conseguira congraçar diplomacias aggressivas, que somma de encantos não derramaria em torno de si, que infinidade de dedicações não deixaria vincadas para sempre nos que se lhe approximassem?

O delicado fidalgo que para os humildes fôra sempre bom, e o erudito cujo saber se impunha aos profissionaes, que recordações não deixaria pelas boas palavras ás gentes simples e pelas sabias ás gentes cultas?

Como os artistas brazileiros recordariam largo tempo a requintada troca de impressões, com o seu Real confrade?

E á volta, esse grande Rei, que regressava maior, muito maior na escala dos valores internacionaes, engrandecia o seu reino, pelo proprio valor. Esse Augusto Embaixador do Velho Mundo junto do Mundo Novo, tinha conquistado o direito de reivindicar para a sua pequena Patria, muito amada, a preponderante missão de ligar os dois grandes continentes.

Ao lado das paginas luminosas da nossa historia — as descobertas do caminho para a India e a das praias occidentaes do Atlantico —, não desdouraria a nova pagina da união das civilizações europeia e americana! E de visões, em visões de grandeza, o nosso espirito perde-se e a nossa alma de portuguez expande-se, e vai de chimera em chimera buscar momentos de refugio, longe da dolorosa realidade que a confrange e opprime.

E tudo isso podia ter succedido!

E tudo se perdeu, porque á luz d'um sol suave, numa linda praça, pouco distante d'um rio azul, que tantas grandezas tinha embalado, uns embuscados, sem coração nem grandeza, trucidaram um homem e uma creança, que acompanhavam uma mulher e outra creança, e seguiam confiados na bondade d'um povo que nunca fôra cruel!

E' esse grande crime politico, que, duramente, expia um povo, que o não commetteu, mas que o não puniu.

JULIO DE MELLO E MATTOS.

## Não esqueçamos!

A pedra de toque do sentimento monarchico é a sua fidelidade inquebrantavel á memoria dos dois Martyres de 1 de Fevereiro.

O tempo corre, passam os annos, — e esse culto, longe de arrefecer, exalta-se, afervora-se, alastra, leva mais preces junto dos altares, radica-se profundamente nos corações, faz dos regios Assassinnados as personificações symbolicas d'uma verdadeira crença politica.

Quando este phenomeno se dá na vida d'um povo, — podem contrariedades momentaneas, episodicas, retardar o advento ou a desforra da ideia que o origina. Mas o seu triumpho é certo, fatal. Ou, então, a historia não tem leis, e é inteiramente perdido o tempo que gastamos em a estudar...

Não o creio eu. E firmemente confio, não apenas com uma fé

cega e obstinada, mas com a convicção que dá um sereno e frio raciocinio, em que a hora do nosso resgate politico ha de soar quando a determinem as circunstancias da crise que atravessamos.

E, n'essa hora, o culto dos nossos Mortos transformar-se-á. Ao *requiem* funebre e plangente, seguir-se-á a *gloria* triumphal da resurreição. Elles hão de viver na Ideia que symbolisavam e n'Aquella que lhes representa o sangue, a tradição e o imprescriptivel direito outorgado pela Vontade nacional, — que nenhuma tyrannia poderá subjugar e violentar eternamente.

LUIZ DE MAGALHÃES.

## 1 DE FEVEREIRO DE 1917

SUA Majestade El-Rei o Senhor D. Carlos I, esse grande Monarcha de memoria cada vez mais saudosa, era com certeza um dos homens mais intelligentes que eu tenho encontrado na minha já longa vida!

Tinha illustração vastissima, entendimento peregrino e uma orientação perfeita.

Apprehendia as cousas mais difficeis com rapidez assombrosa, expunha os assumptos mais complicados d'um modo sempre claro e com o menor numero de palavras.

Para todos tinha conversa, todas as manifestações da actividade humana o interessavam sobremaneira.

Ninguém o excedeu na bondade e na polidez.

Só não gostava de fallar em politica a não ser com os seus ministros que podia livremente escolher e muito bem sabia defender.

Quando alguém mal avisado se lembrava de tocar a El-Rei no assumpto *governação*, calava-se e sabia logo fazer uma cara muito especial reveladora d'enfado e de quem não queria proseguir na conversa.

Uma vez, era d'inverno, Sua Majestade foi caçar a Mafra e levou alguns convidados. Eu ia como seu medico.

A' hora do almoço no pavilhão do Salabrêdo El-Rei conversava alegremente com os companheiros sobre episodios da batida que se fizera de manhã, explicando como pudera com uma carabina de novo modelo alvejar um javardo a uma distancia espantosa. Uns citavam os tiros dobrados admiraveis que El-Rei fizera ás gallinholas, outros fallavam da resistencia dos batedores saloios; todos se lamentavam da malha apanhada, mas logo se reconfortavam com os pitús nacionaes feitos a preceito pelo famoso Honorato, cosinheiro favorito.

A certa altura, felizmente quasi ao café, uma das pessoas presentes com uma falta de tino lamentavel lembrou-se de beliscar um homem digno de todo o respeito pela sua intelligencia, sabedoria e honradez que para mais era ao tempo um dos ministros da Corôa.

O estadista visado nunca foi e continua a não ser o que se chama um *dandy*; antes pelo contrario é bem conhecida a sua falta de cuidado no trajar e popularrissimo o seu chapéu alto com o pello arripiado. Pois a este particular se referiu tambem o commensal impertinente quando percebeu que as outras accusações eram mal recebidas. Ao fallar d'umas nodoas que vira na sobre-casaca da sua victima e á lama que lhe vira nas botas, o Bom Rei que se conservava calado, voltou-se para o *gaffeur* mofino, e com uma expressão que jamais hei de esquecer, assim fallou: «Pois sim, Fulano terá nodoas no fato, mas não as tem no caracter e se as

«botas estão sujas a reputação está «limpíssima». Dizendo isto levantava-se bruscamente da mesa e sahia para a rua seguido de todos nós.

Em silencio mordiamos os charutos e olhávamos indifferentes para o chão molhado, para as arvores sem folhas debaixo d'um Ceu côr de chumbo.

Ninguém dava pelo vento gelado que vinha da serra, tão grande era o frio que tinha posto nos corações o incidente do almoço.

Até a saloia e os proprios cães estavam cabisbaixos. Ouviu-se então uma buzina e logo na volta da estrada apparecia um automovel. Era o Principe Real D. Luiz Philippe que ia de Lisboa fazer uma surpresa ao Pae.

Embrulhado n'um capote de pelles, guiava Elle proprio o carro. Parou, apeiou-se ligeiro e sorridente, de cabeça descoberta correu a beijar a mão d'El-Rei que o abraçou com ternura.

Parecia que o Sol se tinha mostrado repentinamente n'aquella tarde d'inverneira bravia.

Que alegria a d'aquelles dois Entes que tanto se pareciam, tanto se amavam, tanto se admiravam mutuamente e que a morte juntou na mesma tragedia!

Querido Principe! Tão bonito, tão esbelto, tão intelligente, tão culto, tão amavel, tão bom, tão nobre, tão valente!

O Duque de Bragança era realmente um conjunto feliz das grandes qualidades dos Seus Altos Progenitores.

Querido Principe! Constantemente penso n'Elle como se fosse um filho adorado.

«Era-te a vida um sonho: indefinido  
«E tonue, mas suave e transparente.  
«Acordaste, sorriste... e vagamente  
«Continuaste no Sonho interrompido...»

Como esta linda quadra do grande Anthero me consola quando todos os dias a repito, pelo menos mentalmente, como se fosse uma oração applicada ao Principe D. Luiz!

Até a escrevi n'um retrato d'Elle que tenho aqui deante de mim e que me acompanha para toda a parte.

Querido Rei! Querido Principe!

E já lá vão nove annos que por esta epocha baixei a cabeça ao peso d'uma grande dôr para depois, passados poucos dias, tornar a erguel-a com muitos cabellos brancos que não tinha...

THOMAZ DE MELLO BREYNER.

... Senhor Thomaz Rocha dos Santos e meu muito estimado Amigo:

A sua carta convidando-me para collaborar no numero commemorativo de 1 de Fevereiro, só posso responder-lhe com um muito obrigado sincerissimo, por ter occasião de prestar mais uma homenagem aos Dois Martyrizados.

Na sua carta invoca a convivencia que tive com as Regias Victimias e com isso veiu trazer-me ao coração a maior tristeza e a maior amargura.

Nem V... imagina o quanto é doloroso pensar no que foi de mau para o paiz a morte d'Esses Dois Homens.

São volvidos 9 annos! E elles não bastam para attenuar o horror e a impressão que essa triste tarde trouxe ao coração dos verdadeiros portuguezes!

Foi a maior fatalidade, foi o drama mais angustioso e das mais amarguradas consequencias.

A cada passo a republica vencedora, me vem confirmar que Dom Carlos foi um grande Rei e que Dom Luiz era uma esperança para a Patria!

A dedicacão que tenho pela Familia Real, a grande veneracão em que tenho a memoria dos

Dois Mortos, a falta que elles fizeram á Patria e a muita estima em que tenho a V... exigiram de mim a correspondencia ao seu amavel convite, enviando-lhe esta carta que só tem a eloquencia da saudade, do preito e da homenagem vivissima que depinho ante os athaudes do valoroso Dom Carlos e do insinuante Principe Dom Luiz Philippe.

De V... etc.

Fevereiro de 917.

V. C.

1 de Fevereiro de 1908

ESTA funebre data commemora-se este anno em circumstancias estranhas. O exercito, que o Rei traiçoeiramente assassinado tanto amou, parte para a grande guerra em que luctam as mais poderosas nações do mundo.

Em que circumstancias nos vamos bater em terra estrangeira? Porque? Para que fim?

O relatório que o governo acaba de publicar não diz os termos em que a Inglaterra pediu, á face dos tratados, a nossa participacão na guerra nem onde ella se devia effectuar.

A politica externa que o Rei D. Carlos orientou, reatando a tradiçãõ nacional e fortalecendo-a d'accordo com Eduardo VII—o maior amigo de Portugal nos tempos modernos—é adoptada e posta em pratica com o criterio dos governantes da republica.

Os radicaes das nações latinas pensam que a queda do poder germanico lhes assegura o triumpho das suas idéas ou, melhor, das suas paixões. Os conservadores das grandes nações em guerra julgam o contrario: esperam d'ella o fim de muitas chimeras que ha mais de um seculo teem desorientado o pensamento e o fim das conquistas scientificas no campo economico, industrial e commercial.

O interesse nacional nada tem com taes pontos de vista ou desvairamentos. Bater-nos pela Inglaterra em nossa casa, nos nossos dominios coloniaes, servi-la em tudo que uma nação de cinco milhões de habitantes com excellentes portos nas cinco partes do mundo o possa fazer, é um dever. Dever nosso, e utilidade reciproca das duas nações alliadas.

Quem escreve estas linhas teve a inteira confianca de El-Rei D. Carlos, representando o paiz onde os seus interesses eram inconciliaveis com a politica colonial da Allemanha e merecendo em 17 annos a consideracão do governo Imperial e estima particular de trez Embaixadores da Inglaterra.

Em quanto se não publicar o Livro Branco sobre a nossa participacão na guerra nos campos da França, não é licito formar juizo preciso sobre a razãõ que lá nos leva e o interesse que d'ahi nos advem. Quanto nos custa a participacão em sacrificios materiaes, avalia-se pelo relatório de fazenda apresentado ao parlamento. Quanto nos custará em vidas é facil de presumir a julgar pelos dez milhões de victimias que em dois annos já esta guerra fez.

Decorridos nove annos sobre o assassinato de El-Rei D. Carlos, a sua politica estrangeira, interpretada e servida pelos inimigos, leva-nos aos campos de batalha na França. E' o seu triumpho, embora as modalidades da nossa compartilhação na guerra fossem outras sob a direcção d'uma politica monarchica.

1 de Fevereiro de 1917.

VISCONDE DE PINDELLA.

Carteira Elegante

Anniversarios

Neste mez fazem annos as seguintes Senhoras e Cavalheiros:

DIA 1

Padre Abilio Augusto Passos.

DIA 2

D. Angelina Infante.

Visconde de Paço de Nespereira (João).

Dr. Eduardo d'Almeida.

DIA 4

D. Amalia Leite Corrêa d'Almada.

DIA 7

Avelino Trepá d'Oliveira Ramos.

DIA 9

José de Freitas Costa Soares.

DIA 10

D. Sophia Morales de Lós-Rios.

Major Alcino da Costa Machado.

Abel de Vasconcellos Cardoso.

DIA 12

Dr. Luiz Acciaiuoli de Menezes.

DIA 13

D. Maria Amelia Lopes de Mattos Chaves.

DIA 14

Conselheiro d'Estado João Ferreira Franco Pinto Castello Branco.

Dr. Manuel de Jesus Pimenta.

Dr. João Nepomuceno Pimenta.

DIA 15

Conde de Agrolongo.

DIA 16

D. Maria José da Silva Carneiro.

DIA 19

Viscondessa do Paço de Nespereira.

D. Anna Leite Corrêa d'Almada (Viamonte da Silveira).

D. Adelaide Corrêa.

Dr. João da Motta Prego.

DIA 20

D. Maria Arminda da Costa Caldas.

Augusto Moniz Coelho.

DIA 21

Padre José Ferreira Leite.

Henrique José Braamcamp Cardoso de Menezes (Margaride).

DIA 23

D. Maria Elisa Acciaiuoli de Menezes.

Mannel Joaquim da Cunha.

Capitão Luiz de Freitas Garcia.

DIA 24

D. Gracinda Trepá.

Dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride).

DIA 27

D. Judith Santos d'Almeida Chaves.

DIA 28

Francisco d'Assis Costa Guimarães.

Conego Antonio Hermano Mendes de Carvalho.

Visconde de Nespereira

Faz amanhã annos o nosso illustre amigo e prestigioso chefe do Partido Monarchico no districto snr. Visconde de Paço de Nespereira (João).

Os Echos de Guimarães, que altamente consideram o seu querido amigo, felicitam-se ao proporcionar-se-lhe esta occasião de saudar no Visconde de Paço de Nespereira, uma das mais eminentes individualidades politicas do Norte do Paiz, que á Causa Monarchica, justo é dizer-se, tem prestado grandes e incalculaveis serviços.

Grande e superior caracter, o Visconde de Nespereira, é o amigo dedicadissimo, tendo sempre abertas as portas do seu palacete para receber os seus numerosos correligionarios, que em Sua Ex.ª veem o chefe prestigioso e dignissimo, o chefe sempre prompto a prestar todo o seu valioso auxilio e a coadjuvar todas as pretensões justas.

Saudando o illustre titular, identicos cumprimentos dirigimos a sua Esposa, a nobre Senhora, que se tem posto á frente de todos os movimentos de caridade, que requerem os seus serviços, motivo porque todos, amigos e adversarios politicos, prestam justiça ao bello coração e ás muitas virtudes da illustre Fidalga.

Com os nossos cumprimentos, pois, os nossos melhores desejos pelas prosperidades de Suas Ex.ªs.

Esteve uns dias doente, encontrando-se, felizmente, completamente bem, a ex.ªª Senhora Viscondessa de Viamonte da Silveira, virtuosa esposa do

nosso presado amigo snr. Visconde do mesmo titulo.

Continua melhorando da sua saude o nosso dedicado correligionario, snr. José Corrêa de Mattos.

Entrou em convalescência o sympathico filho primogenito do nosso querido amigo snr. Dr. José Maria de Moura Machado.

Continua melhorando de sua saude, com o que muito folgamos, o nosso presado amigo snr. Alvaro Costa Guimarães.

Esteve nesta cidade o nosso querido amigo e dignissimo parochó em S. Lourenço de Sande, snr. Padre José Ferreira Leite.

Tem estado em Braga o importante capitalista snr. Antonio de Freitas Ribeiro.

Vimos entre nós, o nosso amigo snr. Conde de Villa Pouca.

NOTICIARIO

«Boycottage»

Nenhuma pessoa de bem seria capaz de aconselhar a «boycottage» nos termos do pamphleto que no domingo ultimo uns mariolas, dizendo-se monarchicos, espalharam pela cidade.

Os monarchicos de Guimarães não teem a menor responsabilidade no que alli se escreveu, que é da auctoria d'uns anonymos sem cotação com quem não querem ter a menor responsabilidade.

E' falso que o pamphleto tivesse sido impresso na Typografia Minerva, como nos garantiu o seu acreditado proprietario, o que elle prova, se necessario for.

Subscrição Nacional

Secundando o movimento nacional da subscrição para os Capellães militares, organisou-se nesta cidade a seguinte commissão, que brevemente vae iniciar os seus trabalhos:

Presidente—Conego Dr. Manoel Moreira Junior.

Thesoureiro—Padre João Antonio Ribeiro.

Secretario—Thomaz Rochados Santos.

Vogaes—Abilio José da Cruz, Dr. Aug. J. Domingues d'Aráujo, Dr. Fernando Gilberto Pereira, Dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride), Padre João Antunes Gomes, João Fernandes de Mello, Dr. João Martins de Freitas, Dr. João Rocha dos Santos, D. José Ferrão, Padre José Maya dos Santos e Padre Manoel Ferreira Ramos.

E' de toda a justiça que os ca-

tholicos coadjuvem a alludida commissão, pois é necessario e preciso que se mostrem as crenças desta terra.

Estamos absolutamente convencidos que os trabalhos a encetar, immediatamente, vão ser cobertos do melhor proveito.

Dr. Pedro de Barros

Pelo fallecimento de um seu irmão encontra-se de luto este nosso illustre amigo, que nesta cidade, mercê do seu caracter e fina educacão, é altamente considerado.

Ao Dr. Pedro de Barros e ex.ª familia, enviamos os nossos cumprimentos.

«Noite Sagrada»

Acabamos de receber do elegante escriptor snr. Alberto Leitão, a sua ultima producção litteraria—«Noite Sagrada».

E' um encantador conto do Natal, que muito se recommenda pela sua rara elegancia e originalidade.

Os nossos agradecimentos muito sinceros.

«O sonho d'um Operario»

Proseguem os ensaios da comedia drama em 3 actos e 2 quadros, original do distincto escriptor e nosso presado amigo, rev.ª Gaspar Roriz,—«O sonho d'um Operario».

Subirá á scena num dos primeiros dias d'este mez, no Theatro D. Affonso Henriques.

O Orpheon

Sob a regencia do nosso estimado conterraneo snr. João Amalal e Freitas, realisou o «Orpheon de Guimarães», na noite de sexta-feira, no Theatro Gil Vicente, novo ensaio.

Estiveram presentes cento e tantos «orpheonistas». O ensaio decorreu, como sempre, entusiasmaticamente.

Os ensaios proseguem esperando o «Orpheon de Guimarães» realisar, em Maio proximo, o seu primeiro spectaculo.

Suffragios

Realizaram-se ultimamente na Igreja da Misericordia, mandados effectuar pela respectiva meza, por alma do estimado industrial snr. Gabriel Faria, irmão do nosso presado amigo e intelligente solidador snr. Francisco de Faria.

Eleição de jurados comerciais

No dia 5 d'este mez, ás 11 horas, no tribunal d'este juizo, tem de se proceder á eleição de três jurados commerciaes, que obtiveram dispensa do serviço de jury, sendo um para a primeira pauta e dois para a segunda.